

Celina da Piedade,
entre a música
e a pesquisa ■ PVI/VII



**A moda que volta
a estar no centro
da Cultura** ■ PV

“A eleição de Trump é um pesadelo tão grande que parece mentira”

Luís Miguel Cintra está preocupado com a situação mundial e não o esconde. Lembra com prazer a intensa colaboração junto de Manoel de Oliveira e olha para o seu percurso sem motivos de mágoa. ■ PII/III





ENTREVISTA Luís Miguel Cintra

Ator e encenador

“Os artistas antecipam-se aos movimentos sociais”

Uma vida em revista desde a influência dos pais ao papel como encenador, passando pela fundação da Cornucópia e pela doença que o afastou dos palcos, mas não o derrotou.

Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

O seu pai, Lindley Cintra, foi professor e uma das maiores autoridades na Filologia e Linguística; a sua mãe foi professora. Que influência exerceram em si?

Houve influência deles em tudo, sobretudo no arranque da vida. Tenho a noção clara de que o ambiente em casa, ainda antes de ir à escola, é fundamental para a vida inteira. Tive a noção disso até pela comparação dos meus irmãos – como era o primeiro fui estimadíssimo, andaram comigo para toda a parte. Acrescentou-se a isso o convívio com as pessoas que visitavam a casa dos meus pais e o elenco de professores que tive ao longo da vida e é inacreditável.

Tive os melhores professores que podem imaginar-se no liceu e na Faculdade, não eram só técnicos que ensinavam, mas personalidades muito inteligentes e marcantes. Como Mário Dionísio, uma pessoa fundamental para mim.

Em que sentido?

Ao responsabilizar-me pela minha vida. E acabou por ajudar-me na escolha de Letras, pois ainda tive a ideia de ir para Arquitetura. Aprendi com ele que ser artista é uma forma superior de responsabilidade pública. São os artistas que levam para a frente o pensamento humano e antecipam-se aos movimentos sociais.

Foi também por isso que quis ser ator?

Havia um tipo de sensibilidade toda educada para as artes, os meus pais sonharam que eu fosse artista. Aprendi violino, tive aulas

de música e artes plásticas, muito museu visitei quando era miúdo! O meu pai gostava de explicar tudo ao pormenor. Tenho saudades daquele mestre que estava ali em casa, de porta fechada, sempre a trabalhar. Mas, depois do jantar, podia bater à porta dele se tivesse alguma dúvida para me ajudar.

No começo dos anos 70 passou dois anos no teatro de Inglaterra como bolseiro da Gulbenkian. Que significado teve para si?

Os meus anos de Faculdade foram extraordinários porque havia vida universitária. Convivi com muita gente que me educou, foi graças aos meus colegas que comecei a fazer teatro na Faculdade de Letras. Senti que precisava de uma base técnica mais forte, embora fosse contra o teatro inglês, pois considerava-o antiquado – não admitia o papel do encenador, a cria-

Manoel de Oliveira tinha uma qualidade que poucas vezes encontrei: uma fidelidade absoluta a si próprio

ção era sobretudo o texto e a capacidade dos atores em fazerem viver aquele texto, o resto fantasias. Têm alguma razão, mas considere que o encenador é que era o grande criador dos espetáculos.

Como era o ambiente?

Fui para uma escola impecável onde se fazia o contrário de cá: não ter muitos alunos para ver se há mais propinas, mas ser um grupo limitado com ambiente muito familiar e centrado na personalidade de cada aluno. Abriu-se um mundo para mim com o convívio junto de pessoas de outras nacionalidades. O diretor da escola era um trabalhista à antiga, grande admirador do Bernard Shaw, fazendo gala em ter alunos *working class*.

E cruzou-se com Jorge Silva Melo?

Tinha-me tornado muito amigo dele, mas ficou em Londres a estudar Cinema. Eu estava em Bristol e muitas vezes nos encontramos em Londres ao fim-de-semana para ir ver espetáculos que me serviram bastante.

Em 1973 fundaram a Cornucópia...

Muito levado por ele que veio primeiro. Tínhamos ido ao Festival de Avignon no verão de 68, vindo para Portugal com a ideia de eu dirigir o primeiro espetáculo na Faculdade. E tive grande solidariedade dos outros alunos que se prestaram a fazer esse espetáculo. Deixei de estudar, o Jorge veio um pouco desconsolado com a escola de cinema de Londres, começou a colaborar com alguns grupos in-



“Nunca aceitaria o papel de deputado”

Cristina Bernardo

cer com as encenações um discurso paralelo ou crítico ao da própria peça, criou ambientes plásticos próprios, diferentes dos que vinham nas didascálias das peças. Começou a criar uma espécie de poética sua que se apropriava dos textos. Fui educado assim e continuo a gostar desta prática porque é um meio expressivo muito importante e introduz um outro ponto de vista numa capacidade de intervenção com pensamento que toma forma cénica através das artes do encenador e dos atores.

O que é mais importante?

Para mim, é muito importante o pensamento do encenador sobre a obra que se está a representar, a sua capacidade de análise e de transmitir isso aos atores, conversando, correndo o risco de influenciar com capacidade de sedução muito grande face aos intérpretes e, sobretudo, gostando dessas pessoas. O Manoel de Oliveira, com quem me dei muito bem por perceber as suas técnicas quase arcaicas, dizia muitas vezes: ‘Sabe, Luís, a direção de atores só tem um segredo – saber fazer a distribuição.’ E penso que tinha razão, porque os encenadores que corrigem a solução cénica dos atores fazem mal. Depende muito da relação com o ator e também de uma noção de espaço, mais do que decoração, em relação àquilo que é a parte cénica.

Manoel de Oliveira é o seu realizador favorito?

Era uma pessoa de quem gostava muito e tinha uma qualidade que muito poucas vezes encontrei: a fidelidade absoluta a si próprio. Podia ter toda a gente contra ele, ter as maiores incertezas, mas nunca iria fazer algo de que não gostasse. E isto é de uma coragem grande, sobretudo nos tempos em que vivemos, pois os critérios são de mercado para toda a gente. Ele nunca os teve e, estranhamente, tornava-se um valor de mercado. Foram ele e o Paulo Branco que fizeram a entrada do cinema português no circuito internacional. Gostei imenso de assistir a isso e de ter a oportunidade de partilhar com eles essa ousadia, essa lata...

Como é que o “descobriu”?

Foi o “Ato da Primavera” que me abriu os olhos para a obra daquele homem e percebe-se logo: quem começa um filme daqueles com o princípio do Evangelho de São João – “no princípio era o verbo e o verbo se fez carne” e por aí adiante –, partindo disso para uma representação de si próprio como realizador do que vai ver e o que vai ver é uma representação dos camponeses, numa aldeia de Trás-os-Montes, que fazem uma obra sacra sobre a paixão de Cristo... quer dizer, são tantos níveis de reflexão todos ligados sobre o que significa fazer espectáculo que fiquei logo encantado! E aprendi muito, tal como com Mário Dionísio, mais no sentido da atitude do que das soluções. ■

Disse, numa entrevista ao DN, sobre Sophia de Mello Breyner, que era “bonita por dentro e por fora”. Tem encontrado outras pessoas assim?

Muitas. Entre pessoas marcantes para mim, o Ruy Belo, por exemplo: não era bonito por dentro e por fora como a Sophia, era mais bonito por dentro, mas, mesmo aí, tinha partes muito feias. Mas era um grande poeta e com uma grande fidelidade ao real. Outro género diferente, mais ou menos da mesma geração, a Luísa Neto Jorge. Entre os professores, Orlando Ribeiro, um grande mestre de geografia humana, com quem uma vez por semana os alunos ouviam música clássica e comentavam. Foram pessoas únicas e com uma visão humanista da sociedade e do ser humano, capazes de relacionar todas as atividades do ser humano ao mesmo tempo. O ser humano pode ser algo extraordinário, mas vivo numa decepção permanente com a redução das pessoas e das coletividades a critérios técnicos, de lucro e economicistas.

Nesse sentido, vê o caminho de Portugal com preocupação?

Nunca tive tanta noção de que Portugal é só uma pecinha no mecanismo global. É um país pequenino e a responsabilidade política também é pequenina. Apesar de tudo, sinto no atual Governo a atitude de fazer um esforço para não se alhear do que se passa na vida real. Mas lembro-me de ter ficado dececionado com declarações dos socialistas e de António Costa sobre a defesa da eficácia, tornando Portugal numa sociedade em que tudo fosse de qualidade, um elogio à técnica e capacidade de produzir.

O problema é maior?

O problema é do mundo inteiro e não é de produzir cada vez mais depressa, melhor e mais barato para que ganhem mais umas pessoas que não se sabe quem são. Quando vejo Lisboa e o Porto de pernas para o ar e de cócoras diante dos turistas é algo que me faz muita aflição, porque tenho a sensação de que vai tudo ficar parecido com outros lugares do resto da Europa apenas com o objetivo de não lhes ficar atrás. Mas o resto da Europa já deu provas de que aquilo a que foi dar a competência e a eficácia foi um beco com manifestações horríveis, racismo monstruoso, divisão de classes. Para quê ser igual? Essa colonização de uma população inteira é algo que me apavora.

Também o apavora a União Europeia?

Completamente. Não percebo como tanto político inteligente – ou melhor, percebo, é o poder do dinheiro – se deixa embalar numa coisa que veio destruir a originalidade da Europa e a sua grande riqueza: o contributo para a valorização da História.

Como olha a Rússia de Putin?

Hoje em dia é como se ainda existisse um país com o sonho americano na população. E há uma direção política que, no fundo, está a fazer, de modo mais brutal e primitivo, o jogo da mesma ordem de valores que o resto do mundo – uma entrada na economia de mercado como se passasse por cima de tudo o que aquela gente viveu durante uma quantidade de tempo.

Está preocupado com a vitória de Trump?

É um pesadelo tão grande que parece não ser verdade. O que mais me impressiona são os milhares e milhares de pessoas que acreditam naquilo! São técnicas de aldrabar! Como é possível haver pessoas naquele nível num país e numa democracia como a América? Devíamos aprender

Sinto no atual Governo a atitude de fazer um esforço para não se alhear do que se passa na vida real

dependentes de cá e dessa colaboração saiu a possibilidade de começarmos uma companhia. Exemplos como os Bonecreiros e, logo, a Comuna; o Teatro Moderno de Lisboa; a Luzia Maria Martins ou o Carlos Avilez disseram-nos que era possível fazer. E isso marca também uma diferença face à atualidade.

Porquê?

Porque a ideia era fazer grupos de pessoas que eram todos artistas, contrários a ter um patrão, decidindo de forma coletiva com os textos e encenadores que quisessem. Agora anda tudo à procura de ter um patrão.

O que ensina o teatro clássico sobre a vida?

Tinha lido muito clássico nos nossos estudos e foi uma maneira de fugirmos à censura. Brecht, grande obsessão para toda a gente, seria impossível por causa da ditadura e começámos com os clássicos, ficando fiéis a isso. A ideia era, através dos clássicos, treinar o pensamento das pessoas em relação ao teatro de um modo diferente, habituar o espectador a ter espírito crítico sobre o que via e fazê-lo pensar sobre a atualidade com algo tão diferente.

Quais são os segredos de uma boa encenação?

Diz-se, e é um bocadinho verdade, que a época dos encenadores acabou. Já ninguém tem aquilo que foi a bandeira do século XX em relação ao teatro por questões económicas. O encenador foi crescendo de importância, começou a te-

com isso e perceber que deve passar tudo por uma reforma radical da educação. Os sistemas eleitorais são falsos, já não correspondem à representatividade dos cidadãos, levam ao seu afastamento, passando a ver as eleições e os seus representantes como quem vê um espectáculo de baixo nível. Também na Europa deixou de haver diferenças ideológicas, passou tudo a ser um jogo de interesses. Nunca aceitaria o papel de deputado, porque sentiria que estava a fazer uma fraude permanente.

Há pouco mais de um ano, anunciou que deixava os palcos como ator em função da doença: foi a decisão mais difícil da sua vida?

Não... Quer dizer, tem-me custado horrores, porque sempre gostei mais de representar do que de dirigir e a minha maneira de dirigir teve sempre a ver com os próprios espectáculos onde entrava e, portanto, custa muito. Por outro lado, tenho a noção de que é uma enorme responsabilidade apresentar-me ante o público e não suportar começar a fraude por mim próprio. A doença de Parkinson é muito estranha: afeta a personalidade, mas a cabeça funciona muito bem e, de certa maneira, com uma lucidez maior. Mas separada do corpo. Sonha-se fazer o papel de uma certa maneira, pensa-se e, quando chega o momento, não se pode fazer porque o corpo não deixa, ou seja, há uma sensação de frustração quando deveria ser de prazer. Mas não tenho muitas razões de queixa da vida porque, embora termine cedo, fiz muitos papéis que outros atores sonharam durante toda a vida e não conseguiram chegar lá. E, como vamos lançar o livro-catálogo sobre a segunda parte da história na Cornucópia, passei os olhos sobre as fotos do que foram aqueles espectáculos e dá um certo orgulho ver o que se fez.

O que procurou transmitir como ator?

Tive sempre a noção de que as peças não transportavam necessariamente alguma mensagem. Aquilo que foi o erro de muitas pessoas de esquerda, no sentido de que o nosso discurso e gritar slogans havia de contaminar os outros, nunca me convenceu. Acreditei que era possível, através do teatro, uma atenção ao ser humano e à inteligência sobre os comportamentos e as dificuldades de viver que seria uma abertura de portas na cabeça das pessoas. Sempre gostei de coisas que exigissem algum esforço conjunto do espectador connosco. ■

CINEMA

“Lion” é uma vida diferente que se torna recuperada

Primeira obra do realizador Garth Davis inspira-se na emotiva autobiografia escrita por Saroo Brierley, “A Long Way Home”.

Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

E se o Google Maps servisse para promover o reencontro de um rapaz indiano, adotado na Austrália, com a sua família original? “Lion” – A Longa Estrada para Casa, primeira obra do realizador Garth Davis que se inspira no livro “A Long Way Home”, a autobiografia de Saroo Brierley, é uma emotiva história que engloba aquela componente.

Com argumento de Luke Davies, o filme relata as peripécias vividas pelo pequeno Saroo que, perdendo-se do irmão, segue viagem de comboio rumo a Calcutá, cidade onde irá receber acolhimento de um centro de crianças abandonadas. Mais tarde é adotado por Sue e John Brierley, casal australiano com quem irá viver nas mais de duas décadas seguintes.

O drama da separação é retomado quando o protagonista já



Película esteve em destaque durante o Lisbon & Estoril Film Festival. Crítica revelou entusiasmo com a dramática história

tem 30 anos, vida organizada e uma namorada, mas mantém a esperança de recuperar contacto com as origens. E vai usar o Google Maps como trunfo para um regresso emotivo à Índia na procura incessante dos verdadeiros familiares. ■

Género: Drama; **Realizador:** Garth Davis; **Elenco:** Nicole Kidman, Rooney Mara, Dev Patel, David Wenham, Sunny Pawar; **País:** EUA, Austrália, Grã-Bretanha; **Duração:** 129m.

ESTREIAS

Custe o que Custar



“Hell or High Water” é o título original desta obra que passou pelo Lisbon & Estoril Film Festival e tem realização de David Mackenzie, o mesmo de filmes como “Playboy Americano” ou “O Sentido do Amor”. A história começa quando um banco procura ficar com a propriedade de uma família. A reação de dois irmãos sob essa ameaça é conseguir o dinheiro necessário para resolver o assunto e, desse modo, decidem roubar filiais da entidade bancária em causa. Porém, pelo caminho vão cruzar-se com um agente da autoridade que não está disposto a deixá-los cumprir o plano até ao fim.

Género: Drama; **Realizador:** David

Mackenzie; **Elenco:** Dale Dickey, Ben Foster, Chris Pine, Jeff Bridges; **País:** Estados Unidos; **Duração:** 102m.

Hitchcock/Truffaut



Kent Jones reúne, em documentário, nomes tão importantes para o Cinema como Martin Scorsese, Paul Schrader, Peter Bogdanovich, David Fincher, Richard Linklater, Wes Anderson, James Gray, Arnaud Desplechin, Olivier Assayas ou Kiyoshi Kurosawa. Motivo: a influência exercida neles e noutros por “Le Cinéma selon Alfred Hitchcock”, a obra de 1966 que nasceu da semana de conversa entre Alfred Hitchcock e François Truffaut, em 1962, durante a qual o grande

cinesta inglês explicou o seu *modus operandi*.

Género: Documentário; **Realizador:** Kent Jones; **País:** EUA/França; **Duração:** 80m.

Tudo para ser Feliz

Um casamento com dez anos e duas filhas parece um cenário de grande estabilidade. Ou, então, é uma enorme monotonia e um dos participantes queixa-se de sintomas de cansaço. O processo de divórcio complica tudo. O pior é depois quando, afinal, se apercebe de que naquele ambiente residia



o essencial da sua felicidade. **Género:** Comédia; **Realizador:** Cyril Gelblat; **Elenco:** Manu Payet, Audrey Lamy, Aure Atika; **País:** França; **Duração:** 97m.

LIVROS

“Negócios da China”,

de Anabela Campos e Isabel Vicente (Oficina do Livro)

Um livro que aborda a forma de atuação da *troika*, sobretudo no capítulo da venda de algumas das empresas mais emblemáticas do país a capitais de índole estrangeira. Em causa estão processos como o desmantelamento do GES/BES, mas também a situação a que chegou a PT num contexto em que os chineses ganham posições de relevo. Uma análise lúcida e pragmática ao percurso de Portugal nos últimos anos e a novos rostos do poder económico.



“A Sombra da Rota da Seda”, de Colin Thubron (Bertrand)



Publicado desde junho de 2014, este livro de viagens entusiasma qualquer leitor com base nas histórias do percurso em causa. Thubron recorre a diversos meios de transporte para começar o longo caminho a partir do centro da China. Seguem-se passagens pela Ásia Central, a zona nortenha do Afeganistão, a escala no Irão e o acesso a solo turco. Ao todo, durante cerca de oito meses, foram mais de 4.500 km e inúmeros episódios para contar.

“Narciso e Goldmund”, de Herman Hesse (D. Quixote)

A obra conta a história de Narciso, professor no convento de Mariabronn, e de Goldmund, o seu aluno preferido. Do mesmo autor de livros tão marcantes como “Siddhartha”, “O Lobo das Estepes”, “Demian”, “Contos Maravilhosos” ou “O Jogo das Contas de Vidro” num percurso de vida que o levou da Alemanha natal à Índia. Morreu na Suíça em 1962, tendo sido agraciado com o Nobel em 1964.



“A Bolsa para Iniciados”,

de Fernando Braga de Matos (Editorial Presença)



Foi depois de escrever “Ganhar em Bolsa” que Braga de Matos se apercebeu do interesse do assunto junto dos leitores e, por isso, tomou a decisão de analisá-lo segundo um outro prisma. Reedição de uma obra que ajuda principiantes a compreender os mecanismos de funcionamento do mercado bolsista. Além disso, também se tornam mais claros inúmeros conceitos e práticas relacionados com o complexo mundo da Bolsa.

“40 derbies para a História”,

de Rui Câmara Pina (Chiado Editora)

Estando mais um escaldante duelo entre Benfica e Sporting no centro das atenções, esta é a oportunidade ideal para tomar contacto com histórias contadas por quem tem participação direta na rivalidade. Enriquecida por inúmeras fotos, a obra inclui os testemunhos de José Augusto, Hilário, Manuel Fernandes, Toni, Carlos Xavier e Hélder.





Monte da Ravasqueira assinala título mundial

Não foi propriamente nos vinhos, mas com uma equipa de quatro puros sangue Lusitano da herdade que, em 1996, venceram o Campeonato do Mundo de Atrelagem, na Bélgica.

Faz, pois, 20 anos que Portugal venceu o primeiro (e único) campeonato da modalidade. Para celebrar a data o Monte da Ravasqueira lançou o MR Premium Touriga Nacional. Datado de 2012, chega ao mercado depois de estagiar 24 meses em barricas e dois anos em garrafa. É o primeiro monocasta Touriga Nacional da Ravasqueira e será também o único, pelo menos durante os próximos quatro anos, já que nunca mais se verificaram as condições que levaram o enólogo, Pedro Pereira Gonçalves, a lançar o vinho. A grande marca do *terroir* sente-se sobretudo na acidez muito viva, conferindo um carácter menos frutado do que é habitual na casta. É um vinho com potencial para evoluir em garrafa por muitos e bons anos.

Mais do que apenas uma celebração, este vinho é uma homenagem dos filhos a José Manuel de Mello – o Monte da Ravasqueira pertence à família Mello há gerações – que acalentou, durante anos, o sonho de provar que os cavalos Lusitanos podiam competir com os melhores em muito mais do que apenas o ensino ou o toureio. José Manuel de Mello acumulava a liderança do Grupo com a presidência da Associação Portuguesa de Criadores de Cavalos Puro Sangue Lusitano.

Dessa mesma vindima chega ainda o Ravasqueira Espumante Grande Reserva, outra novidade. A partir da casta alfrocheiro, é um espumante muito seco – ao qual não foi adicionado qualquer açúcar, precisamente para se expressar melhor. Destaque ainda para a bela “roupagem”, inspirada nos tapetes de Arraiolos, que faz deste um dos mais bonitos espumantes à venda. ■

GOURMET PARA O NATAL

Ravasqueira Espumante Grande Reserva e MR Premium Touriga Nacional, de 2012



MODA

“Estamos de novo no centro da Cultura”

Falámos com o vice-presidente da Levi's sobre a importância de comunicar com as novas gerações e de ajudar a salvar o planeta. E de Portugal, claro, e de como somos importantes.

Bruno Lobo
blobo@jornaleconomico.pt

Quando Albert Einstein emigrou para os EUA, no início dos anos 30 do século passado, comprou um casaco de cabedal da Levi's. Usava-o na imagem que a revista “Time” escolheu para a capa da edição que o elegeu como a personalidade mais influente do século XX. Usava-o tão frequentemente que a casa de leilões Christie's o descreveu como “um casaco de cabedal muito usado, quase comovente. É impressionante a forma como, 60 anos após a sua morte, ainda cheira ao tabaco de cachimbo”. O casaco foi a leilão em julho passado, na cidade de Londres, e arrematado pela própria Levi's por 115 mil libras. Hoje está no museu da marca em São Francisco.

Na mesma edição da “Time”, as Levi's 501 eram eleitas a peça de moda mais icónica do século e não faltam referências na cultura popular: Steve Jobs possuía mais de 100 pares de calças de

ganga, todas Levi's; os Ramones ou os Stones foram fãs, sobretudo do modelo 505, lançado nessa altura e reeditado este ano. Na famosa capa do álbum *Sticky Fingers*? Umas 505, claro. Nesses anos eram as calças de eleição da juventude rebelde como pode ver-se na exposição patente, até março de 2017, no Victoria & Albert Museum de Londres, sob o título: “You Say You Want a Revolution? Records and Rebels 1966 – 1970.”

Santiago Cucci, vice-presidente da marca na Europa, sente que a Levi's recuperou esse estatuto. “O grande desafio é permanecermos autênticos enquanto acrescentarmos novidades. Mas essa é a beleza de estar no mercado há 160 anos: as tendências vão e vêm, mas nós continuamos. Estamos de novo no centro da Cultura”, opina.

“Os *millennials* procuram autenticidade e nós somos autênticos. Somos os inventores do *denim*. Além disso, procuram fazer compras inteligentes e nós somos acessíveis. Para nós são uma boa categoria porque se

preocupam com tendências e com a aparência, fazem esse esforço, mas também dão muita atenção à qualidade do produto. Ora, se quiser uns *jeans* verdadeiros, a escolha só pode ser uma: a Levi's.”

Muitas dessas novidades não se prendem necessariamente com peças novas. É o caso da inovação *WaterLess*, uma nova forma de produção que permite poupar entre 30 e 90% da água gasta na produção de uns *jeans*.

“Essa é a beleza de estar no mercado há 160 anos: as tendências vão e vêm, mas nós continuamos”

Em cinco anos a poupança vai já nos mil milhões de litros de água e os planos são ambiciosos: 53 mil milhões até 2020, à medida que alargam a produção. E uma decisão surpreendente: “Assim que afinamos o processo, tornamo-lo público. Assim, todos os nossos concorrentes também o podem utilizar. Não quisemos ganhar vantagem comercial, não é uma arma de marketing. A ideia é mesmo, e só, ajudar a proteger o planeta.”

A presença da Levi's em Portugal é extensa, com 26 lojas próprias (e inúmeros parceiros) e denominador comum: “Todas têm *performance* muito boa dentro da organização. Estamos muito satisfeitos com Portugal. Se estamos abertos a expandir a presença? Claro, adorávamos.” A marca acabou de abrir a primeira *flagshipstore* na península ibérica, nas Ramblas de Barcelona, e em Portugal pondera algo do género. “O Porto parece excelente opção. Já fui muitas vezes a Lisboa, mas não conhecia o Porto até recentemente e fiquei maravilhado”. ■

MÚSICA

O Sul e o Sol fazem mais sentido na voz de Celina da Piedade

Investigadora do Instituto de Etnomusicologia prepara um arquivo do cante alentejano. E já lançou o terceiro álbum como intérprete.

Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

“Sol” é o terceiro álbum a solo de Celina da Piedade, depois de “Em Casa” e “Cante das Ervas”. Com inúmeras colaborações e intensa atividade como investigadora no Instituto de Etnomusicologia, cujo mestrado está a concluir antes de seguir para doutoramento, a artista fala das várias vertentes. “Tem sido natural. Estou envolvida no projeto de um arquivo do cante alentejano, foi aqui que se fez a parte académica da candidatura do cante a património da Humanidade em parceria com a Câmara de Serpa e com a Casa do Cante.”

“Estou a gostar muito do que faço e entusiasmada com o trabalho académico”, sublinha. “Este disco tem muita música de autor: minhas, do Alex, do João Gil – com quem toco nos Tais Quais –, da Teresa Gentil, minha colega na Faculdade, uma versão que fiz do Gilberto Gil, “A Linha e o Linho”, que mais uma vez mexe com coisas da tradição a que dou muita importância, uma versão do Atahualpa Yupanqui, além de temas tradicionais. Convidámos o João Gil para produzir, pois nos outros discos a produção fora só minha e do Alex Gaspar. A ideia era que ouvisse o disco connosco e visse alguns temas. E é o autor do single ‘Assim Sou Eu’, com letra do António Avelar Pinho. Quando lhe falei do disco disse logo que tinha uma música que era a minha cara!”

Os álbuns anteriores são analisados com carinho: “O ‘Em Casa’ é um disco duplo e quis que fosse grande porque surgiu depois de quase 14 anos de trabalho em diversas colaborações, já tinha gravado cerca de 50 discos com outros artistas. Tinha deixado de tocar com Uxu Kalhos, depois surgiram três anos de loucura com os Homens da Luta e, em 2011, foi crescendo em mim uma ansiedade porque continuava a compor. O disco parecia uma utopia porque estava sempre muito ocupada. Mas conheci o Alex Gaspar, que depois se tornou meu marido, e disse que

me ajudaria. E assim foi. ‘Em Casa’ tem sentido duplo: o disco é o que tem de ser, tem quase 40 convidados e porque me sinto em casa a fazer música. Foi um miminho!”

Sobre o “Cante das Ervas” sintetiza: “Foi uma ideia que surgiu da parceria com o Jardim da Boa Palavra, uma quinta de produção de ervas aromáticas onde estão a Carla e o Eduardo, amigos meus da adolescência. Tiveram a ideia de um disco que acompanhasse as ervas aromáticas e criámos um só com temas do Alentejo. Teve apoio do Instituto de Estudos de Literatura Tradicional e um texto da Maria Manuel Valadão, especialista em ervas aromáticas que percebe da oralidade do sul. Adorei fazê-lo por todas as ligações à música, é um disco delicioso!”

Sem receios

Nascida em Lisboa e criada em Setúbal por pais cujas famílias vinham de Baleizão e da serra algarvia, Celina refere: “Continuo a considerar-me estudante de música e, nos últimos anos, decidi voltar ao meio académico, numa vertente um pouco mais teórica. Além de estudar música desde pequena, o meu pai mandou-me para um palco aos seis anos e comecei logo a tocar.”

Nunca recebeu o palco. “Isso moldou-me a personalidade, nunca me vi de outra forma, faz parte de quem sou, é natural. Tinha uns primos, da parte da família do meu pai, os Machados, de Estoi, que tocavam acordeão – o Paulo toca na Rua da Saudade, o Rui é guitarrista nos Íris. Mas foi a Helena Mendes, amiga da minha família com mais nove anos do que eu, prima da minha vizinha do lado, a grande influência no acordeão.”

Tocando o instrumento de que o pai mais gostava, iria ser atraída para a folk de geografias variadas. “Isso veio ter comigo. O meu percurso musical fez-se dessas influências, nunca tive necessidade de ir à procura delas. Ao longo da adolescência tive algumas crises em relação aos reportórios que gostava de tocar. Aos 10 anos fui para o Conservatório em Setúbal e a Helena, que começara a dar-me

aulas quando eu tinha cinco anos, foi minha professora nessa altura, crescemos juntas. Terminei o Conservatório aos 18 e, depois, fui estudar para Évora”, conta.

E Celina recorda: “Na minha adolescência, o reportório era o do Conservatório, mais virado para a música erudita. Comecei a gostar mais de música pop/rock, mas tive sorte porque foi o momento em que surgiu, na música moderna portuguesa, um filão que incluía Sétima Legião, Essa Entente, Madredeus, Sitiados, Disto & Daquilo, Piratas do Silêncio, que já me diziam muito. E depois vi um concerto dos Madredeus em Setúbal quando tinha 12 anos, vi o Gabriel tocar e isso fez toda a diferença.”

Não faltaram razões para se estabelecer essa diferença. “Senti-me uma privilegiada. Vinha de um contexto suburbano, vivia num bairro social, os meus pais tinham algumas dificuldades económicas. Mas isso nunca foi um impedimento, nunca senti que tivesse menos oportunidades do que outras crianças”, diz.

O acordeão atrás do sofá

No processo de crescimento como artista, Celina da Piedade reconhece: “O meu pai quis ser o *manager*, rebelei-me um pouco porque ele queria que tocasse música pimba e recusei. Mas fui tocando e foi uma grande escola, aprendi a lidar com o público. Só após ir viver para Évora, a cidade que escolhi depois de a conhecer aos 16 anos, numa visita de estudo, decidi ir para Património.” Tempos perturbadores? “Sofri no início, tinha aulas de História ao mesmo tempo

que os meus colegas tinham as de coro, às vezes na sala ao lado. Isso fazia-me chorar e ter dúvidas.”

Antes, fizera o liceu e o Conservatório em regime separado. “Quando acabei, estava exausta, não me apetecia ir estudar mais música. Além disso, a saída profissional de um curso superior de música era dar aulas, apetecia-me tocar e o acordeão não tinha grandes saídas. Ainda dei aulas no Conservatório durante quatro anos, mas senti que isso não era bem a minha praia.”

Em Évora não começou logo a tocar. “No primeiro ano tentei manter-me incógnita, levei o acordeão e escondi-o atrás do sofá [risos], só tocava para os meus colegas mais próximos”, relembra. “No segundo ano, o Alípio Carvalho Neto, um brilhante saxofonista que era professor lá e meu vizinho, foi a uma festa a minha casa, pôs a mão atrás do sofá, senti a caixa do instrumento e perguntou logo quem é que tocava acordeão. Lá me acusei, ele disse logo que tínhamos de tocar juntos, começou a puxar por mim e foi uma centelha que se prolongou.”

Os passos seguintes ajudam a perceber a atualidade. “Em 1998, envolvi-me primeiro com a Associação PédeXumbo e, dois anos depois, comecei a tocar com o Rodrigo Leão. Pelo meio toquei também com Uxu Kalhos e os Modas à Margem do Tempo, aí se desenvolvendo ligação à música do Alentejo. E aos poucos fui conhecendo o que se fazia noutros países, aprendendo a reconhecer tradições e a tocar para danças tradicionais. Fui acumulando tudo nos meus baús, procurando ver como podíamos capitalizar a riqueza destes patrimónios na música portuguesa.”

A concluir, deixa pistas sobre um próximo disco. “Tenho feito muitos concertos a solo, houve uma tournée em que só estive eu e o público. Funcionou e estou a adorar fazê-los, inclusive em espaços museológicos. E estou cheia de vontade de fazer um disco em que só esteja eu e a minha voz, criando esse presente para mim e para o público, uma conversa entre mim e quem me ouve.” ■



Estou cheia de vontade de fazer um disco em que só esteja eu e a minha voz, criando esse presente para mim e para o público

“O que torna um músico bom é a paixão”

Artista considera que Portugal “está mais positivo”, preocupa-se com “dinâmicas de cegueira social” e vê a eleição de Trump com “choque total”.

Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

“Há várias maneiras de ser um bom acordeonista”, aponta Celina. “Mas o que faz um músico bom, seja acordeonista ou outro, é a paixão com que faz música, tenha muita ou pouca técnica. Música é comunicação, é partilha – se não está a passar para o público, então não resulta.”

Considerando-se uma pessoa otimista, Celina da Piedade olha para Portugal de acordo com essa perspetiva. “Em geral sou uma pessoa muito positiva”, reconhece. “Em termos musicais, estou numa fase em que olho de modo muito positivo para o país, porque a oferta é vasta, tem boa qualidade e boa produção, havendo abertura de mentalidade e de gostos musicais de quem ouve. Os festivais e as salas estão cheios, é duro ser músico, mas sinto que a situação está a melhorar.”

Quando a questão se coloca no plano político e sócio-económico, a artista não modifica muito a resposta. “Também sinto que o país está mais positivo, embora as pessoas tenham sido sujeitas a grandes reajustamentos”, indica.

Colocada perante o entendimento da austeridade e da forma como países europeus do norte olham em relação aos do sul, Celina é taxativa: “Sei que existe a distinção vinda da Europa face aos povos do sul, penso que é preconceituosa e cria mais clivagens. Se as pessoas sentem um pouco mais de alívio e podem gastar mais, o crescimento vai acontecer. A pobreza só traz mais pobreza.”

A subida da extrema-direita suscita-lhe preocupação? “Preocupam-me as dinâmicas de cegueira social em que é o tudo ou nada, nem as consigo perceber, como é que se anda tanto para trás depois de tanta evolução? A minha única esperança é que sejam só pequenos sustos.”

Sobre a vitória de Donald Trump nas presidenciais norte-americanas, Celina da Piedade admite: “Todo o processo foi surreal, parecia uma telenovela até

ao próprio dia das eleições. É incrível como ganhou! Entendo como fenómeno de zanga, não acredito que se trate de as pessoas acreditarem em certos valores. É um choque total.”

No que diz respeito à avaliação que faz do líder russo, a situação parece-lhe clara. “Penso que todos têm medo de Putin e não sei como vai evoluir esta ideia mais bélica que transmitiu nos últimos tempos. A Europa está muito instável à conta da pressão que tem exercido.” ■

Se as pessoas sentem um pouco mais de alívio e podem gastar mais, o crescimento vai acontecer



ROTEIRO

LISBOA

10: Charles Aznavour, MEO Arena, 21h30 – Filho de pais arménios, nascido a 22 de maio de 1924, o longo percurso musical de uma voz inigualável desfila na capital. Influência marcante para inúmeros intérpretes das mais variadas origens musicais, o seu historial está recheado de momentos marcantes. E os registos englobam mais de 800 canções, acima de 1.200 em oito línguas com vendas equivalentes a 180 milhões de exemplares. A *chanson française* em todo o seu esplendor através de um dos melhores exemplos.



PORTO

10: António Zambujo, Póvoa de Varzim, 22h00 – Prossegue a digressão deste verdadeiro fenómeno de vendas, cuja voz de timbre invulgar tem gerado casas cheias um pouco por todo o lado. Em causa está o mais recente trabalho com versões de músicas de Chico Buarque. Mas não serão apenas algumas das mais emblemáticas canções do genial brasileiro que vão estar à disposição do público, pois Zambujo irá igualmente interpretar vários dos seus principais êxitos. Mais uma noite inesquecível para os espectadores antes de Zambujo rumar a Hamburgo (dia 12) e Zurique (14).



9: "Arquitetónica Percepta", Trienal de Arquitetura de Lisboa – Circo de Ideias, 19h00.

9: Concerto de Albert Cirera – Carpe Diem Arte e Pesquisa, 19h00.

9: Se Eu Vivesse Tu Morrias – Culturgest – Fundação CGD, 21h30.

9: LXM 11 Years with Joseph Capriati – LX Music, 22h00.

9: Emílio Robalo, Zeca Neves, Luís Rebelo: Antena 2 em direto – Cascais Jazz Club, 21h30.

9: Sintra: dos fantasmas do castelo às aparições da serra – O Caminheiro de Sintra, 21h30.

10: Babybloom – Casa do Artista (Teatro Armando Cortez), 9h30.

10: Caminhada e Visita ao Aqueduto das Águas Livres, 9h45.

10: A Linguagem Secreta da Arte – Nova Acrópole de Lisboa, 10h00.

10: Aqui Há Burro! – Convento dos Capuchos, Sintra, 10h00.

10: Educação de Cachorros: Obediência e Socialização – Instituto do Animal, 10h30.

10: Dia de Castro Verde – Casa do Alentejo, 15h00.

10: More than a Thousand – Time Out Mercado da Ribeira, 20h45.

10: O Lago dos Cisnes – CCB, 21h00.

10: Concerto per la Notte di Natale – Orquestra Metropolitana de Lisboa, Teatro Thalia, 21h00.

11: Elton John – MEO Arena, 20h30. Sete anos depois de ter esgotado o pavilhão, o cantor britânico regressa com espetáculo integrado na digressão "Wonderful

Crazy Night". Além do mais recente trabalho haverá oportunidade para escutar alguns dos seus clássicos com maior sucesso.

14: Fado Barroco – Fundação Calouste Gulbenkian, 21h00.

15: Exposição Um Olhar Real – Obra Artística da Rainha D. Maria Pia – Palácio da Ajuda, 18h30.

PORTO

9: Rachmaninoff e Prokofiev – Orquestra Sinfónica, Casa da Música, 21h00.



9: Marta Ren & The Groovelvets – Casa da Música, 23h00.

10: Rebekah – All Night Set, Gare Porto, 23h55.

11: Banda Sinfónica Portuguesa; Música para o Natal – Casa da Música, 12h00.

12: Empreendedorismo e Inovação Social – Cidade das Profissões, 14h00.

14: Cine-diários: Masterclass de Edgar Pêra – Serralves, 22h00.

14: Poeta que foi (41º: José Régio), – Casa da Madeira do Norte, 22h00.

BRAGA

9: Phil Mendrix ao Vivo – Cru, Vila Nova de Famalicão, 23h00.

9: A Bela Adormecida, Russian Classical Ballet – Casa das Artes, Vila Nova de Famalicão, 21h30.

13: Pedro e o Lobo – Teatro Circo, 11h00.

13: Oportunidades do Mercado

Alemão – Startup Braga, 11h00.

V. CASTELO

9: Poesia Homónima, por Júlio Resende & Júlio Machado Vaz – Teatro Diogo Bernardes, Ponte de Lima, 21h30.

9: Cinema: Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los – Casa das Artes, Arcos de Valdevez, 22h00.

11: 12 Meses, 12 Trilhos, 12

Costumes: Trilho da Serra do Oural – Ponte de Lima, 10h00.

9: Concerto de Natal: "Our Christmas", Marina Pacheco & Olga Amaro – Teatro Diogo Bernardes, Ponte de Lima, 21h30.

UISEU

9: O Pranto de Maria Parda (Companhia Demente) – Orfeão de Viseu, 21h00.

9: Levantei-me do Chão – ACERT Tondela, 21h45.

11: Tertúlia Literária e Artística do Rojão Pequeno – Solar do Morgadio, Santa Comba Dão, 16h00.

AVEIRO

10: Grande Concerto de Natal – Casino de Espinho, 20h30.

10: Dança Contemporânea – Lastro de: Né Barros – Cine-Teatro de Estarreja, 21h30.



GUARDA

10: Miguel Araújo – Teatro Cine Gouveia, 21h30.

11: Prova de Orientação – Manteigas, 00h00.

COIMBRA

9: Peixe: Avião – Tour Fénix – Salão Brazil, 22h30.

11: Marcos André (Porta dos Fundos)/Acorda pra Cuspir – TAGV, 18h00.

15: Luís Vicente e Marcelo dos Reis – Casa das Artes da Fundação Bissay, 21h30.

SANTARÉM

9: Oficina de Poesia "Eu Escrevo com Sophia" – Biblioteca Municipal de Ourém, 21h00.

10: Cinema: Regresso a Ítaca – Teatro Sá da Bandeira, 21h30.

SETÚBAL

10: Fandango – Cine-Teatro João Mota, Sesimbra, 21h30.

10: Reverso – Teatro com Poesia – Teatro Estúdio António Assunção, Almada, 16h00.

15: Mo Francesco Quinteto – Cine Incrível, Almada, 22h30.

LEIRIA

10: Rita Redshoes – Cine-Teatro de Alcobaca João d'O, 21h00.

ÉVORA

De 9 a 11: É Natal em Borba – Pavilhão de Evento, das 10h00 às 19h00. Tal como sucede desde 2013 há três dias de diversões acessíveis a miúdos e graúdos.

Desta vez há Jorge Serafim, contador de histórias, logo na sexta-feira; o Avô Cantigas e o Palhaço Croquete atuam no sábado e domingo é dia de fecho com Dança Jovem e o concerto da Banda Juvenil do Alentejo.

9: Senhoritas – Teatro Garcia de Resende, 22h00.

10: The Tumble Reeds/She/Vicky – Sociedade Harmonia Eborense, 23h00.

BEJA

10: Gomos de Tangerina – Biblioteca Municipal de Serpa, 11h00.

10: Beatriz Pessoa, "Insects" em Castro Verde – 7Arte Café, 22h00.

11: Concerto de Natal do Ruca – Cine Incrível, Almada, 22h30.

ALGARVE

9: Serão de Poesia – Biblioteca Municipal de Loulé, 21h00.

10: Golf Club Open Day – Vale do Lobo Resort, Loulé, 9h00.

10: Noite de Fado – Albatroz Jazz&Blues Bar, Silves, 21h30.

10: Concerto pela Orquestra de Jazz do Algarve com o tenor Carlos Guilherme – Espaço Guadiana, Alcoutim, 21h30.

13: Visita Guiada ao Teatro das Figuras – Faro, 10h30.

MADEIRA

13: Exposição de Presépios – O Natal na Casa da Calçada – Casa-museu Frederico de Freitas, 10h00.

AÇORES

9: Fado Lírico, concerto de Natal – Teatro Faialense, Horta, 21h30.

12: Poesia à Segunda – Instituto Cultural, Ponta Delgada, 21h00.